



RACISMO À BRASILEIRA: “IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO – EXPORTAÇÃO” DE DISCURSOS RACIALISTAS

BRAZILIAN RACISM: “IMPORT – EXPORT – EXPORT” OF RACIALIST SPEECHES

Tamires Silva Morais Plácido¹
Gamaliel da Silva Carreiro²

RESUMO

Este artigo teve por objetivo encontrar vestígios dos processos de “importação-exportação-exportação” de discursos racialistas provenientes, paradoxalmente, de um dos intelectuais mais notórios do Brasil: Gilberto Freyre. Para isso, mediante exploração bibliográfica, apontou indícios de processos de importação de paradigmas de teóricos ingleses e norte-americanos para o Brasil. Retratou a situação da exportação do paradigma freyriano para Portugal, da exportação do paradigma freyriano de Portugal a Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, problematizou a recepção da teoria lusotropicalista por parte das elites africanas e confrontou o lusotropicalismo, ante a teoria do ponto zero e do pensamento heterárquico. Entre as conclusões, demonstrou que “formas de conhecimento híbridas” e “subversivas” marcaram os processos de importação - exportação de discursos racialistas entre Brasil, Portugal e alguns países da África.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos racialistas. Importação. Exportação. Elites Intelectuais.

ABSTRACT

This article aimed to find traces of the “import-export-export” processes of racialist discourses originating, paradoxically, from one of the most notorious intellectuals in Brazil: Gilberto Freyre. To this end, through bibliographical exploration, he pointed out signs of processes of importing paradigms from English and North American theorists to Brazil. It portrayed the situation of the export of the Freyrian paradigm to Portugal, the export of the Freyrian paradigm from Portugal to Cape Verde and São Tomé and Príncipe, problematized the reception of the luso tropicalist theory by African elites and confronted Lusotropicalism, in the face of the point theory zero and heterarchical thinking. Among the conclusions, it demonstrated that “hybrid” and “subversive forms of knowledge” marked the processes of import - export of racialist discourses between Brazil, Portugal and some African countries.

KEYWORDS: Racialist discourses. Import. Export. Intellectual Elites.

¹ Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoC/UFMA). Mestra em Sociologia e Graduada em Ciências Humanas – Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: tamires.morais@discente.ufma.br.

² Professor Associado IV da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor e Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Ciências Sociais pela UFMA. E-mail: gamaliel.carreiro@ufma.br.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo rastreia os vestígios dos processos de “importação-exportação-exportação” de discursos racialistas, provenientes, paradoxalmente, de um dos intelectuais mais notórios do Brasil, Gilberto Freyre. Persiste de forma perene, tanto no Brasil quanto no exterior, seja pela crítica quanto pela remobilização de seus conceitos, frequentemente promovida pelos seus críticos mais dedicados. Fernando Henrique Cardoso aduziu a esse respeito, que “é inútil rebater as críticas ao autor”, porque “procedem” (Cardoso, 2006, p. 19), contudo, defende que mesmo “o Brasil urbano, industrializado, vivendo uma situação social na qual as massas estão presentes e são reivindicantes de cidadania e ansiosas por melhores condições de vida, vai continuar lendo Gilberto Freyre” (Cardoso, 1993, p. 22). Arrazouou também, que “se alguém for pensar hoje sobre as contribuições básicas para a interpretação do Brasil, esses três autores estarão no Pantheon” (Cardoso, 1993, p. 22): Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Estabelecido no campo intelectual brasileiro, Coelho e Rodrigues (2023) pontuaram que o paradigma de Freyre é devedor de uma “[...] rede de intelectuais em sua multiplicidade e as relações entre eles no campo intelectual em que Gilberto Freyre se moveu na juventude” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 286 - 287). A noção de “equilíbrio de antagonismos”, presente em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, é um bom exemplo de conceitos importados da Inglaterra.

Incorporar a trajetória intelectual de Freyre a essa abordagem é fundamental, pois revela suas predisposições a determinados contatos e associações que ele estabeleceu. Nos permite observar “lugares comuns, não somente um discurso e linguagem comuns, mas também campos de encontro e de entendimento, problemas comuns e formas comuns de abordar esses problemas comuns” (Lima, 2010, p. 18).

Sobre o lugar comum, compartilhado, o português João Medina (2000), no artigo: Freyre contestado: o luso-tropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo, redige quase em tom de denúncia, que durante o regime ditatorial salazarista em Portugal, também conhecido como “Estado Novo”, o chefe de governo, António de Oliveira Salazar, atendendo especialmente aos ideais nacionalistas e colonialistas de seu projeto, recorreu ao “grande mestre heterodoxo pernambucano”, em busca de “uma ideologia legitimadora do seu colonialismo, pretensamente imune de qualquer forma de racismo” (Medina, 2000, p. 49-50), visando manter o imperialismo português na África (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-



Bissau, Angola e Moçambique) e na Ásia (Índia Portuguesa e Timor). A intercessão de Freyre para a validação do projeto político de Salazar, revelou um dos primeiros rastros da exportação de teorias raciais do Brasil para Portugal.

O racismo à brasileira, como preferimos denominar, é reelaborado e exportado para outros países por alguns de seus intelectuais. No caso em questão, é importante destacar que Freyre notabilizou nos campos acadêmico e literário do Brasil. Essa reelaboração pode ser entendida, também, enquanto “reciclagem”. Em específico, nos termos exatos de José Carlos Gomes dos Anjos), “reciclagem simbólica do discurso latino da mestiçagem” (Anjos; 2003, p. 585), por parte das elites intelectuais de países africanos, outrora colonizados por Portugal.

Por fim, o artigo teve como objetivo investigar o percurso t dos paradigmas racialistas freyrianos, tanto em Portugal quanto em territórios colonizados por ele, com destaque para Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Também se propôs a analisar algumas das consequências desses paradigmas para a formação do pensamento social, nacional e identitário desses países. Para isso, traçamos um percurso sobre esses processos de importação e exportação, seja com a marca da importação europeia para o Brasil ou o emblema da exportação brasileira a outros países.

2 FREYRE E SUA INTERLOCUÇÃO COM TEÓRICOS INGLESES E NORTE-AMERICANOS: MOVIMENTO DE IMPORTAÇÃO

Bourdieu (2002) explica na obra *Campo de Poder, Campo Intelectual: Itinerário de um conceito*, que no campo intelectual, “lugar” de instrução formal de um indivíduo, não há “um conjunto de adições de elementos simplesmente justapostos, o campo intelectual, à maneira de um campo magnético, [mas] um sistema de linhas de força: estes são os agentes” (Bourdieu, 2002, p. 9). A força que é o próprio agente para deformar, alterar, formar o campo, não se distribui inadvertidamente, por força do acaso, mas torna-se “um peso funcional, porque sua ‘massa’ própria, é dito, seu poder (ou melhor, sua autoridade) no campo, não pode se definir independentemente de sua posição nele”, (Bourdieu, 2002, p. 10). Portanto, em uma luta de forças no campo intelectual brasileiro, Freyre, outrora, esboçou algum capital específico nacional e estrangeiro. Assim, foi responsabilidade descrever sua trajetória intelectual, para que fosse posteriormente analisada tanto no contexto intelectual de seu próprio país em outros, para sua, especialmente Portugal e países africanos.



Ao que se refere à alfabetização de Freyre, Coelho (2023) aduziu que ocorreu “primeiramente, em inglês por Mr. Williams, um eminente preceptor inglês, contratado por sua família. Seu pai Alfredo Freyre foi um entusiasta do modelo anglo-americano de ensino e um amante de juristas, filósofos, educadores e escritores ingleses (Coelho, 2023, p. 289) Percebe-se que a preferência de Alfredo Freyre pela cultura anglo-americana influenciou desde o cedo em Gilberto Freyre, por meio da educação formal, entendida como capital cultural segundo Bourdieu (1998).

Coelho e Rodrigues (2023) explicam que “a cultura inglesa exerceu forte impacto nos intelectuais latino-americanos. No Brasil e na família Freyre não foi diferente” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 286–287). Isto é, ainda que Gilberto Freyre, no decênio de 1920, tenha consumido teorias de intelectuais nacionais e latino-americanos, seu “fascínio pela cultura inglesa fez com que alguns autores britânicos desempenhassem papel crucial no [seu] desenvolvimento intelectual.” Pallares-Burke disse ser este fascínio e admiração, “anglofilia” (2005, p. 375).

Na perspectiva apresentada por Pallares-Burke (2005), “Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos,” (2005, p. 431), aponta caminhos para a compreensão da formação intelectual do pernambucano. Sucintamente, pode-se considerar que “o relacionamento do jovem Freyre com a Inglaterra e os escritores ingleses permaneceu muito especial, apesar de ele ter passado muito pouco tempo nessa ilha.” A autora defende para a análise de trajetórias intelectuais, o uso dos termos analíticos como “diálogo” ou “interlocutores”, em lugar de “influências”, (Pallares-Burke, 2005, posição 412 de 690).

Conforme antecipamos, “Uma de suas ideias-chave, ‘equilíbrio de antagonismos’, também era considerada por Freyre como parte essencial do ethos inglês e como ‘a lição dos ingleses’ para o mundo”. Conceito oportunamente central em *Casa-Grande & Senzala*. “[...] tomado originalmente de intelectuais ingleses, nesse caso Thomas Carlyle e Herbert Spencer – e reforçado pelo norte-americano Giddings –, esse conceito foi transferido para novos contextos a fim de interpretar o Brasil” (Pallares-Burke, 2005, p. 448).

Além disso, Freyre acreditava firmemente que, para compreender os processos de formação de Portugal e do Brasil, não se pode excluir “os livros ingleses”. Nesta filiação, do grego “philia”, amizade ou amor aos ingleses, Freyre dizia que “desde Shakespeare, que ele estudou na Universidade de Baylor, até os escritores de sua época [...] seus autores favoritos, no entanto, vêm preferencialmente de um período, o vitoriano”. Além disso, deve ser asseverado que “Freyre não admirava os vitorianos indiscriminadamente”, cabendo, inclusive justificar que “os autores



ingleses que Freyre mais apreciava eram vitorianos antivitorianos ou românticos pós-românticos” (Pallares-Burke, 2005, p. 537).

A anglofilia de Freyre explica-se pelo quadro de Coelho e Rodrigues (2023):

transformações sociais, políticas e econômicas, realizadas pela Inglaterra na transição para o capitalismo, desde o final do século XVI, [que] engendraram a partir do século XVIII, o fenômeno ideológico [...] que se difundiu enormemente pela Europa e pelas Américas.” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 286).

Os autores depreendem, certamente, que havia, “a inveja e o desejo de imitar os feitos ingleses tomados como modelo de perfeição, modernidade e civilidade [que] manifestou-se em muitos países e entre famílias abastadas” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 286).

Como sendo, o pai de Freyre, um “admirador da cultura inglesa comportava-se como um verdadeiro gentleman inglês” nos grupos que frequentava (Coelho, 2023 p.35). Portanto, proporcionara ao filho, um “[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (Bourdieu, 1998, p. 28). Em outros termos, pode-se dizer que a pertença de Alberto Freyre a grupos de elite intelectuais no Brasil, dotou o jovem Freyre dos capitais específicos necessários ao acesso e à permanência no campo intelectual.

Estabelecido neste campo e construindo o que nominamos “racismo à brasileira”, embora seja a expressão profusa em sua utilização nas Ciências Sociais, no plano político-intelectual, no caso de Freyre, o interpretamos como uma “mudança de ângulo e de olhar para o problema da mestiçagem brasileira [a partir de uma] apropriação criativa que Freyre faz, elaborando um outro sentido às ideias absorvidas de seus interlocutores” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 288). A troca de sentido acerca da miscigenação, de negativo para positivo, empreendida por Freyre, constitui-se estrategicamente.

A estratégia, embora transformasse alguns sentidos no plano teórico, não significou mudança prática, sendo a intermediação de tomadas políticas, no caso brasileiro ou naquele da ditadura salazarista. Relativamente, asseveraram Coelho e Rodrigues (2023) que se tratava de “uma estratégia que conserva o preconceito falando dele e produzindo um efeito de ruptura. Ademais, a façanha realizada por Freyre se diluiu por uma operação intelectual” (Coelho; Rodrigues, 2023, p. 288).

Nesta acepção, Castelo (2021) expressa que Gilberto Freyre inicia o primeiro capítulo da obra *Casa-grande & senzala*, “Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade



brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical” (Castelo, 2021, p. 26). Denotando seu interesse em colher e organizar dados empíricos possibilitadores do que chamou de “luso-tropicalismo”, do qual falaremos adiante.

3 EXPORTAÇÃO DO PARADIGMA FREYRIANO PARA PORTUGAL: O AUTOCONVITE E O CONVITE

Em 1950, Freyre recebeu um convite do governo português ditatorial salazarista, àquela altura, premente de argumentos favoráveis à permanência de sua colonização na África e Ásia, para, assim como fizera no Brasil, ajustar à realidade imperialista portuguesa, um argumento mistificador da crueza a que submetiam suas colônias. Mas esse convite foi filho de um autoconvite.

Se, por um lado, o estado novo português desejava um “álibi”, como explica Medina (2000), Freyre buscava abranger seu paradigma racial para fora do Brasil. A ponte que conecta ambos os convites são concebidos a partir de José Osório de Oliveira, amigo de Gilberto Freyre. Castelo (2021, p. 27) destacou que este era “escritor, funcionário do ministério das Colônias, amigo de longa data de Freyre e divulgador incansável da sua obra em Portugal”. A carta que encaminhara ao seu superior imediato, demonstrara tamanha vontade expressa de Freyre por exportar suas ideias para aquele país. Conforme o trecho a seguir dos argumentos de José Osório de Oliveira (1951) direcionado ao Ministro: “[...] pela amizade que me liga a Gilberto Freyre, [sei] **que um dos seus desejos é escrever uma obra sobre Portugal** — e essa obra ficará incompleta se não incluir o Ultramar. **Sei, também, que Gilberto Freyre gostaria de visitar os nossos territórios ultramarinos**” (Oliveira, 1951, grifo nosso)

Como resposta ao autoconvite, Castelo (2021) frisou que “Sarmiento Rodrigues tinha o aval de Salazar e a garantia de que o governo brasileiro via favoravelmente o projetado convite a Freyre” (Castelo 2021, p. 29-30). A solicitação do governo logo se consolidou e “o convite oficial foi finalmente enviado e o ministro atribuiu a organização da viagem a Osório de Oliveira,” que trazia consigo um roteiro das viagens as quais Freyre faria pelas colônias portuguesas. Em síntese, “incluía todas as colônias (inclusive Macau e Timor) e territórios ‘ex-portugueses’ [...]” (Castelo, 2021, p. 29-30).

Assistido pelo governo de Portugal, via estrada aberta para a verificação de sua “teorização lusu tropicalista,” que cultivara desde os anos 1930, concepção no lado contrário tanto de



“parâmetros naturalistas,” quanto “marxistas”. O luso tropicalismo seria composto pelo “português colonizador, avesso ao racismo, eroticamente vocacionado a ligar-se sem quaisquer preconceitos racistas com índias e negras, o português reinol que era já, ele mesmo, produto de miscigenações de judeus, árabes e cristãos” (Medina, 2000, p. 49-51). Portanto, o caso brasileiro constaria em epígrafe, por supostamente apresentar-se como exemplo de sucesso, na relação entre colonizado e colonizador. No fundo, Freyre queria esboçar seu conceito cientificamente a partir de comprovações empíricas e alargá-lo por entre as colônias portuguesas na África.

Concebido como um preceito, Medina (2000) traz que “a ideia luso-tropicalista partiria do dogma de que os portugueses brancos se misturariam espontaneamente à vida tropical e praticariam largamente a mestiçagem” (Medina, 2000, p. 52). Assim, com o ideal na cabeça, Freyre tinha cimentado o motivo principal luso tropicalista e as viagens às colônias lusas haviam sido autorizadas, constando como uma “ocasião para rever, atualizar e ampliar a sua nova visão luso tropicalista de um imenso Portugal transcontinental e multirracial [...]” (Medina, 2000, p. 53).

Finalmente, com a autorização de Salazar, o roteiro de viagem de Freyre para e pelas colônias de Portugal na África, oficialmente conhecido como “viagem de estudo”, começou pela Guiné, em 03 de outubro de 1951. O “estudo” a ser realizado pelo brasileiro, fora previamente orientado: era necessário de Freyre algumas posturas nestas terras, por precaução do próprio Governo Português, em obter com rapidez os resultados desejados (Castelo, 2021).

3.1 PARA E POR CABO VERDE

Antes e durante sua a viagem a Cabo Verde, Freyre enfrentou diversos tormentos. Ante o programa otimista de visitar quase todas as ilhas, exceto a ilha de Maio, em um curto espaço de tempo, sem considerar as dificuldades de mobilidade entre uma ilha e outra, e optar por um guia indisponível naquele momento, o professor do Liceu de Mindelo, Baltazar Lopes da Silva, também o governador de Cabo Verde argumentou ao ministro de Ultramar “que o itinerário proposto não era exequível”, (Castelo, 2021, p. 34).

Antes da partida de Bissau para Cabo Verde, outra intempérie prejudicou os planos de Freyre e do ministro de Ultramar: a falta de transporte marítimo. Quando, finalmente, Freyre chegou à atual capital, Praia, em 19 de outubro, um temporal atingiu todo o Cabo Verde, mantendo o sociólogo retido no local por três dias: além das perdas materiais, houve destruição de estradas, danos em hospitais, quartel, residências, postes telegráficos inutilizáveis e, infelizmente, várias



mortes. Posteriormente, Freyre sentiu cansaço a ponto de desistir de visitar as ilhas Fogo e Brava, oriundo da prova a que fora submetido pela tempestade e das insatisfatórias ligações entre uma ilha e outra (Castelo, 2021).

As impressões de Freyre sobre Cabo Verde foram tão negativas que pareciam refletir o mal-estar que ele vivenciou na região. Disse de lá, dispôs Castelo (2021), que “Desagradou-lhe o que lhe pareceu um baixo grau de mestiçagem, uma população ‘tão negroide’, sobretudo em Santiago, e o crioulo, que designou de ‘dialeto’, a pobreza, a falta de comunicação entre as ilhas, a ‘incarcerização cultural’” (Castelo, 2021, p. 35).

O que gerou descontentamento em Osório de Oliveira, jornalista, crítico e historiador português, foi a postura do almirante português Sarmento Rodrigues, que o acompanhava. Ambos acreditavam que Cabo Verde seria o lugar ideal para o sucesso da miscigenação proposta pelo luso tropicalismo. No entanto, em contraste, Freyre sugeriu que, Cabo, apesar de suas ilhas lembrarem o litoral do Ceará, no Brasil, Cabo Verde precisava, de maneira irremediável, de mudanças, “de uma maior presença europeia e de ‘um novo ânimo — de origem antes cultural do que étnica — no sentido de maior atividade criadora de valores predominantemente europeus’”, aduziu (Castelo, 2021, p. 35).

Por fim, a viagem foi marcada intempéries naturais e por medidas drásticas, como a exoneração de um funcionário da administração civil de Cabo Verde, em Praia, após desagradar a Freyre ao verificar informações no seu passaporte. A reação originada em Freyre levou a uma reclamação ao governo de Portugal, que desembocou na dispensa do funcionário por parte do governador de Cabo Verde (Castelo, 2021).

3.2 PARA E POR SÃO TOMÉ

Conforme relatado por u Castelo (2021), a estadia de Gilberto Freyre em São Tomé durou apenas 5 horas, entre as 18h de sábado até as 22h do mesmo dia. Apesar do curto período, período dedicado a conhecer a localidade, Freyre soube aproveitar o tempo visitando obras e participando de um banquete oferecido pelo palácio do governo, embora não tenha tido a oportunidade de conhecer as roças.

Sobre a pequena visita, Freyre em sua obra *Aventura e Rotina*, expõe impressões: elogia o governador Carlos Gorgulho por acreditar ter ele sensibilidade para questões turísticas, elogia as obras que o mesmo estava a desenvolver, tais como aeroporto, escolas e hospitais. Também elogia



o seu desejo e empenho para melhorar a qualidade de vida do trabalhador africano, embora mantendo a economia do cacau baseada nas roças (Castelo, 2021).

4 EXPORTAÇÃO DO PARADIGMA FREYRIANO DE PORTUGAL PARA CABO VERDE E SÃO TOMÉ PRÍNCIPE

4.1 CABO VERDE E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: CASOS ÚNICOS DE SEU GÊNERO

Segundo Langa (2019), o luso tropicalismo freyriano “teve reverberações importantes, particularmente, no meio político e intelectual em sociedades africanas insulares como a cabo-verdiana e são-tomense, onde Freyre e suas obras foram recebidos com ‘tapete vermelho’ e aclamados” (Langa, 2019, p. 13). Por outro lado, em sociedades como as de Angola, Guiné e Moçambique s, a teoria foi contestada por intelectuais nacionalistas.

Langa (2019) explica que Cabo Verde e São Tomé e Príncipe são casos únicos no contexto a colonização portuguesa. O autor nos lembra que o arquipélago de Cabo Verde se distingue de outras colônias africanas por seu grande fluxo de pessoas, animais e plantas trazidos pelos portugueses, devido ao fato de o arquipélago ter sido o “primeiro grande entreposto comercial no cruzamento da rota de escravos na costa atlântica, e também por se localizar a meio do caminho entre a costa ocidental africana e o Brasil” (Langa, 2019, p. 24).

O intenso tráfico transatlântico i de africanos para a ilha, somado à introdução de plantas, animais, pessoas escravizadas, mercadores e missionários europeus, que transitavam, por Cabo Verde, contribuiu para a formação da população mestiça cabo-verdiana. A miscigenação resultou tanto das relações entre mulheres africanas escravizadas e portuguesas, quanto da interação entre africanos de diferentes regiões do continente. Por esse motivo, a população de Cabo Verde, atualmente, é predominantemente mestiça, com uma tonalidade de pele mais clara do que populações de outros países africanos colonizados por portugueses. Assim, o mestiço, amplamente valorizado pelos colonizadores durante o período da colonização portuguesa, desempenhou papel importante na administração das outras colônias africanas, assumindo cargos de poder e intermediando a empresa colonial portuguesa com outras colônias africanas (Langa, 2019).

As consequências da colonização portuguesa, especialmente ilustrada pelo papel da miscigenação ao estilo Cabo Verde, apesar de parecer evocar tão somente pontos positivos, apresentou consequências negativas. Para Langa (2019), é possível destacar “uma divisão



socioeconômica da sociedade em duas classes distintas entre badios e sampadjudos” que não esvaneceu na atualidade. A esse respeito explica que os badios possuem “histórico de resistência à assimilação de valores culturais portugueses” e os sampadjudos eram aqueles com “maior nível de escolarização, portanto privilegiados pela colonização portuguesa que os emancipou política, econômica e socialmente, como estrato dominante da sociedade” (Langa, 2019, p. 25).

Em São-Tomé e Príncipe, já existia um vazio demográfico quando os portugueses decidiram explorar o território, entre 1470 e 1471. A povoação ocorreu por meio de escravizados trazidos por portugueses, principalmente de Angola e Moçambique, o que resultou na formação de pelo menos dois grupos de povos africanos: forros e angolares. Devido à presença portuguesa no território, juntamente com a de a de escravizados originários da África, “criou-se uma sociedade dividida em dois segmentos – livres e escravos – que, mais tarde, por conta da miscigenação, os escravos foram sendo gradualmente substituídos por uma sociedade ‘livre’ com servidão atenuada” (Langa, 2019, p. 25).

Posteriormente, em virtude da decadência da produção de açúcar em São-Tomé, cultivo naquele momento protagonizado pelo Brasil, inicia-se no território o cultivo do cacau e do café, também desenvolvido nas roças. E como disse Nascimento (2003) apud Langa (2019, p. 26), “a roça foi o principal motor de desenvolvimento do território, cuja sociedade estava dividida em duas classes: livres e escravos” (Nascimento, 2003 apud Langa, 2019, p. 26). Com isso, houve a criação da posição de “contratado”, até pelo menos o período de 1960. A liberdade do contratado era tão somente em tese, pois que angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos que foram para São Tomé, via contratos por tempo determinado, trabalhavam como escravizados (Langa, 2019).

4.2 A TEORIA LUSO TROPICALISTA: COMO A RECEBERAM AS ELITES AFRICANAS

Conforme Arenas (2015 apud Langa, 2019), o luso tropicalismo teve boa recepção por parte de escritores e intelectuais em Cabo Verde. Dentre os anfitriões, estão Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e a geração dos “claridosos”. De outro ponto, em São Tomé e Príncipe, a teoria é bem recebida pelo escritor Francisco José. Assim, tais intelectuais africanos mantêm contato próximo com a obra de Gilberto Freyre e/ou com o próprio.

Em Cabo Verde, destaca-se o movimento literário e cultural “claridoso”, que girava em torno da revista *Claridade*”. Esse movimento defendia uma sociedade cada vez mais mestiça,



contudo, atribuindo maior ênfase às características sociais e biológicas dos indivíduos considerados mais eurodescendentes que afrodescendentes, promovendo os conceitos de “criolidade”, “cabo-verdianidade”. O movimento teve grande expressão na literatura local, mesmo após a independência de Cabo Verde, pois alguns de seus idealizadores, como Jorge Barbosa e Baltasar Lopes, tentavam dignificar a miscigenação praticada pelos portugueses em Cabo Verde, por meio da ênfase nacionalista em uma qualidade de criolidade e cabo-verdianidade daquele povo (Langa, 2019).

No site das Organizações Nações Unidas (ONU), observa-se tanto a presença de uma identidade aparentemente transnacional quanto relações culturais e econômicas de proximidade com o Brasil e Portugal, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Cabo Verde é um país transcontinental



Fonte: ONU News (2023) ³

A qualificação do país enquanto “transnacional” está relacionada com a história de ocupação do arquipélago de Cabo Verde, bem como com o papel desempenhado pelo país no processo colonizador de Portugal em relação a outros países africanos, dos quais os cabo-verdianos buscavam se diferenciar, como coloca Anjos (2003) dos demais povos do continente africano, em relação aos angolanos e moçambicanos, de pele mais escura. Sendo a transnacionalidade cabo-verdiana mais propensa às culturas europeias e norte-americanas.

Sobre a comunicação com Portugal e Brasil, as notícias “Ulisses Correia e Silva Sines (Portugal) onde vive comunidade expressiva de cabo-verdianos” e “Cabo Verde quer estreitar relações com o estado do Rio de Janeiro (Brasil),” indicam uma relação comercial, cultural e social, entre ambos os países e Cabo Verde.

³ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/04/1812357>. Acesso em: 7 maio 2023.



Figura 2 - Ulisses Correia e Silva Sines (Portugal)⁴

Ulisses Correia e Silva visita Sines
(Portugal) onde vive comunidade
expressiva de cabo-verdianos
7 de maio de 2023

Governo e Câmara Municipal da Brava
estudam vias alternativas de acesso a Fajã
Água
7 de maio de 2023

Cabo Verde quer estreitar relações com o
estado do Rio de Janeiro (Brasil)
5 de maio de 2023

Fonte: Governo de Cabo Verde (2023)⁵

No contexto de São Tomé e Príncipe, a teoria luso tropicalista manifestou por meio do sistema de assimilação. Assim, apontam Macagno (2014); Pereira e Veiga (1957) apud Langa (2019, p. 28): “Nessas colônias, Portugal afirmava o seu dever histórico de civilizar as raças inferiores, protegendo os indígenas de seus hábitos pagãos, convertendo-o ao cristianismo, educando-o para e através do trabalho” (Langa, 2019, p. 28). Sendo uma consequência das leis coloniais anteriores, a teoria luso-tropicalista se concretizou, em 1954, no Estatuto do Indigenato.

Em síntese, é válido afirmar que a reverberação do luso-tropicalismo nas colônias portuguesas organizou-se enquanto mestiçagem e assimilação, a depender do território. Portanto, nas colônias portuguesas Brasil e Cabo Verde, houve a prevalência da “mestiçagem”. Diferentemente, em Angola, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe prevaleceu a “assimilação”. Ambos os processos violentos, visto que, ao contrário do que disse Freyre (2006), a mistura entre raças tanto no Brasil quanto em Cabo Verde não foi amorosa, ou mesmo humanitária, além de a assimilação exigir dos colonizados a total ruptura com sua cultura, a ponto de, por meio dela, objetivarem, “tornarem-se portugueses” (Langa, 2019, p. 38).

Na página eletrônica do governo de São Tomé e Príncipe não foi possível perceber, de imediato, nas notícias mais recentes, quaisquer relações diretas do país com o Brasil ou Portugal. Contudo, em buscas em outros sítios, destacamos duas notícias: “Lula participa de encontro de países de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe” e “Doação do Brasil apoia alimentação escolar em São Tomé e Príncipe.”

⁴ Onde vive comunidade expressiva de cabo-verdianos e Cabo Verde quer estreitar relações com o estado do Rio de Janeiro (Brasil)

⁵ Disponível em: <https://www.governo.cv/cabo-verde-quer-estreitar-relacoes-com-o-estado-do-rio-de-janeiro-brasil/>. Acesso em: 23 jul.2024.



Figura 3 - Lula participa de encontro de países de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe

Lula participa de encontro de países de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe

Presidente chegou ao Palácio do Congresso acompanhado da primeira-dama, Janja da Silva. Ao longo da semana, Lula participou de compromissos oficiais na África do Sul e em Angola.

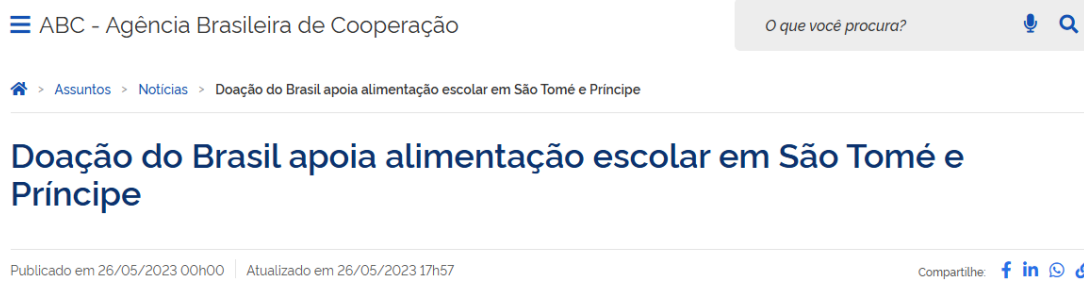
Por g1 — Brasília

27/08/2023 08h30 · Atualizado há um ano

Fonte: G1 (2023)⁶

Ambas as notícias sugerem uma aproximação entre os países, embora aparentemente menos intensa do que a que existe aquela entre Cabo Verde e Brasil.

Imagem 4 - “Doação do Brasil apoia alimentação escolar em São Tomé e Príncipe”



Fonte: Agência Brasileira de Cooperação (2023)⁷

Por meio do caso cabo-verdiano, notamos que há a predominância do desejo de diferenciação da população no país, sobretudo, no que diz respeito à afirmação de uma distinção ante aos demais países da África. Comparativamente, na página do Governo de São Tomé e Príncipe, as notícias relativas às parcerias econômicas apresentavam associação maior com outros países do continente africano, em detrimento de Portugal ou Brasil. Inclusive, uma das notícias se refere à participação do presidente da república no Fórum Pan-Africano para a cultura da paz em Luanda, na capital da Angola. A maior ou menor adesão à teoria luso-tropicalista por parte de dois

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/27/lula-chega-a-sao-tome-e-principe-para-encontro-de-paises-de-lingua-portuguesa.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/abc/pt-br/assuntos/noticias/doacao-do-brasil-apoia-alimentacao-escolar-em-sao-tome-e-principe>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.



países pode ser demonstrada por meio de uma análise de diversos fatores históricos, sociais e culturais, além de como esses países incorporam ou rejeitaram a visão de sociedade proposta por essa teoria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os paradigmas teóricos e científicos eurocêntricos atravessassem cruzarem fronteiras, e Gilberto Freyre seja um dos reverberadores desse movimento, como discutido, compartilham o mesmo arcabouço teórico do luso-tropicalismo, que pode ser entendido como fragmentos de de uma chama intersticial, relativa ao pensamento da “alteridade epistêmica”. Esse pensamento pode ser entendido como “formas de conhecimento híbridas”, nas quais sua cumplicidade com o sistema eurocêntrico de produção do conhecimento é fundamentalmente “subversiva” (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 20).

Ao passo que Freyre, junto ao governo salazarista português, em 1950, desenvolvia o trajeto do seu pensamento teórico e ideológico, munido de seus afirmadores, como aponta Langa (2019), tais como a “Ciência – História, Sociologia e Antropologia – [que] confirmava a existência dessas habilidades e diferenças do colonialismo português, daquele posto em prática por outras potências europeias” (Langa, 2019, p. 23), formas outras de interpretação do mundo, dele emergiram. Referimo-nos aos críticos da visão de mundo eurocêntrica, aquela do “ponto zero” desvelada por Castro-Gomez (2005).

Se, na prática, a intrusão do luso-tropicalismo nas colônias portuguesas da África, se deu por meio de dois processos, miscigenação e assimilação, especialmente os moçambicanos assimilados usaram dos códigos eurocêntricos de produção de conhecimento para e por meio deles manifestarem suas objeções. Surgia do primeiro movimento uma resposta da população local, agora dentro da categoria de cidadãos e cidadãs, a qual erigiam “diversas formas de luta desde a escrita de denúncia na imprensa jornalística livre com suas manifestações protonacionalistas, a ação nos sindicatos ferro-portuários, inserção nos movimentos da negritude e panafricanismo” (Langa, 2019, p. 31).

A despeito de as elites intelectuais, estudantes e escritores de Cabo Verde e São - Tomé e Príncipe terem sido bons anfitriões a Freyre e ao seu corpus teórico, de outro lado, Moçambique e Guiné-Bissau não abraçaram a causa. O luso-tropicalismo deu de cara com as denúncias de “Amílcar Cabral, no prefácio da obra intitulada ‘A Libertação da Guiné: aspectos de uma revolução



africana', do historiador russo e ativista da descolonização portuguesa na África, Basil Davidson; e Eduardo Mondlane, na sua principal obra 'Lutar por Moçambique' (1969)" (Langa, 2019, p. 27).

É sintomático de uma mudança ao menos intersticial nas formas de compreensão de mundo, intelectuais contestarem programas teóricos tradicionalmente qualificados como neutros, com interpretações de diferentes "saberes possíveis" que habitam "sujeitos atravessados por contradições sociais" em que se tem não uma teoria pronta a ser colocada na realidade crua, mas a crueza da realidade a ser teorizada a partir de "lutas concretas, enraizados em pontos de observação específicos (ponto 1, ponto 2, ponto n...)" como defende, (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21). Daí a emergência do pensamento heterárquico, do sociólogo grego Kyriakos Kontopoulos (1993), que se configura numa "[...] tentativa de conceituar as estruturas sociais com uma nova linguagem que vai além do paradigma eurocêntrico da ciência social herdado do século XIX" (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 18). Portanto, dentro de um "sistema-mundo capitalista/patriarcal europeu/euro-americano" a heterarquia pressupõe a deshierarquização de linguagens nas Ciências Sociais (Grosfoguel 2005 apud Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 14).

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. **Estudos afro-asiáticos**, v. 25, p. 579-596, 2003.

ARENAS, Fernando. Migrations and the Rise of African Lisbon: Time-Space of Portuguese (Post)coloniality. **Postcolonial Studies**, v. 18, n.4, p. 353- 366. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual: itinerário de um conceito**. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Campo do poder e campo intelectual**. Buenos Aires: Fólios, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CABO VERDE é um país transcontinental. **ONU. News**, 5 de abr. 2023. Desenvolvimento Econômico. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/04/1812357>. Acesso em: 7 de maio de 2023.

CABO VERDE quer estreitar relações com o estado do Rio de Janeiro (Brasil). **Governo.cv**, 05 de mai. 2023. Notícias. Disponível em: <https://www.governo.cv/cabo-verde-quer-estreitar-relacoes-com-o-estado-do-rio-de-janeiro-brasil/>. Acesso em: 23 jul.2024.



CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. **Novos Estudos Cebrap**, 37, p.336, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global, 2006. p. 29-63.

CASTELO, Cláudia. No enalço de Gilberto Freyre pelo último império português (1951-1952). **Não nos deixemos petrificar: reflexões no centenário do nascimento de Victor de Sá**, p. 25- 48, 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 63-77.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero**. Ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Centro Editorial Javeriano, 2005.

COELHO, Claudio M. **Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala**. 2007. 218f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

DOAÇÃO do Brasil apoia alimentação escolar em São Tomé e Príncipe. **Gov.br**. 26 maio. 2023. Agência Brasileira de Cooperação. Notícias. Disponível em: <https://www.gov.br/abc/pt-br/assuntos/noticias/doacao-do-brasil-apoia-alimentacao-escolar-em-sao-tome-e-principe>. Acesso em: 11 nov. 2023.

KONTOPOULOS, Kyriakos. **The Logics of Social Structures**. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Recepção do Lusotropicalismo de Gilberto Freyre nas Colônias Portuguesas em África (1933-1980). **África [s]-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África**, v. 6, n. 11, 2019.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. **Cógito**, v. 11, pág. 14-19, 2010.

LULA participa de encontro de países de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. **G1**, 27 de ago. 2023. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/27/lula-chega-a-sao-tome-e-principe-para-encontro-de-paises-de-lingua-portuguesa.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MACAGNO, Lorenzo. Assimilacionismo. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio (Orgs.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 31-44.



MARCIO COELHO, Claudio; FERREIRA RODRIGUES, Marcia Barros. Gilberto Freyre, identidade nacional e Latinoamericanidade. **Passagens: International Review of Political History & Legal Culture**, v. 15, n. 2, 2023.

MEDINA, João. Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo. **Revista USP**, n. 45, p. 48-61, 2000.

NASCIMENTO, Augusto. As fronteiras da Nação e das Raças em São Tomé e Príncipe: são-tomenses, europeus e angolas nos primeiros decênios de novecentos. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p. 721-743, set./dez. 2003.

OLIVEIRA, José Osório de. Delegado da Agência Geral das Colônias junto do SNI (1951). [Cópia de informação] 1951 jan. 25, Lisboa [a] Agente Geral das Colônias. **Arquivo Documental Gilberto Freyre**, Recife, Brasil. Correspondencia, José Osório de Oliveira.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Unesp, 2005. Versão kindle.

PEREIRA, José; VEIGA, Vasco. **Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique Anotado e Legislação Complementar**. 2 ed. Lisboa, 1957.

ULISSES Correia e Silva Sines (Portugal) onde vive comunidade expressiva de cabo-verdianos. **Governo.cv**, 07 mai. 2023. Notícias. Disponível em: <https://www.governo.cv/ulisses-correia-e-silva-visita-sines-portugal-onde-vive-comunidade-expressiva-de-cabo-verdianos>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Enviado em: 23/07/2024

Aceito em: 06/12/2024